

Análise do gênero epístola bíblica à luz dos estudos linguísticos contemporâneos / *Analysis of the Biblical Epistle Genre in the Light of Contemporary Language Studies*

*Abner Eslava da Silva**

*Willian Freitas Rodrigues***

*Caroline Kretzmann****

*Rosane de Mello Santo Nicola*****

RESUMO

O artigo busca verificar como a teoria de gêneros discursivos contemporâneos se comporta na análise de epístolas paulinas. Concebe-se o gênero carta em seu propósito comunicativo original, limitado a emissor e receptores, enquanto a epístola se refere à carta lida longe do contexto original, como literatura. O *corpus* da pesquisa, composto por I e II Coríntios, epístolas aceitas como de autoria de Paulo, é escolhido por estar voltado ao mesmo público, possibilitando a comparação de aspectos de contexto de produção nos escritos do apóstolo ao longo do tempo. São resultados de pesquisa: as cartas, ao se tornarem epístolas, com número de leitores ampliado, assumem novos sentidos; o gênero epístola, apesar das muitas modificações sofridas, mantém-se reconhecível pelo leitor atual devido à sua macroestrutura; o papel social e o propósito de comunicação do emissor resultam na alternância do uso de linguagem formal e informal e de variação de pessoas do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria de gêneros textuais; Gênero carta; Epístola bíblica

ABSTRACT

The article aims to examine the behavior of contemporary speech genre theory in the analysis of Pauline epistles. The genre of letters is conceived within its original communicative purpose, limited to sender and receivers, whereas the epistle refers to the letter read outside of its original context, considered as literature. The research corpus is composed of the Corinthian epistles of the New Testament, which are accepted as authored by the Apostle Paul. They are selected due to their shared audience, enabling a comparison of production context aspects in the apostle's writings over time. Research

* Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Escola de Educação e Humanidades, Curso de Letras Português-Inglês, Campus Curitiba, Curitiba, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0009-0002-6409-9049>; abner.eslava@gmail.com

** Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Escola de Educação e Humanidades, Curso de Letras Português-Inglês, Campus Curitiba, Curitiba, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0009-0009-9026-8505>; freitaswillian77@gmail.com

*** Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Escola de Educação e Humanidades, Curso de Letras Português-Inglês, Campus Curitiba, Curitiba, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-5578-6475>; carolkretzmann@gmail.com

**** Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Escola de Educação e Humanidades, Curso de Letras Português-Inglês, Campus Curitiba, Curitiba, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4077-648X>; rosane.nicola@pucpr.br

findings include: letters that acquire new meanings, when transformed into epistles with a broader readership; the epistle genre, despite undergoing significant modifications, remains recognizable to present-day readers due to its macrostructure; the social role and communicative intent of the sender that result in alternating usage of formal and informal language, as well as variations in discourse person.

KEYWORDS: *Textual genre theory; Genre of letter; Biblical epistle*

Introdução

Embora, atualmente, o texto manuscrito tenha perdido espaço para as ferramentas digitais existentes com a finalidade de troca de mensagens, há um gênero milenar que foi, durante muitas épocas, de grande relevância às sociedades: a epístola. Basta examinar a Bíblia quanto ao Novo Testamento para observar que, dentre os gêneros presentes, a epístola se manifesta com maior frequência. Com relação à etimologia, *epístola* vem do grego *epistolé* e significa *carta*, que, por sua vez, origina-se da palavra latina *charta*, do grego *chártes*, significando *papel*: suporte das mensagens trocadas entre remetente e destinatário. Ambos os termos, entretanto, vêm sendo há muito tempo usados como sinônimos, mesmo atualmente, na língua portuguesa.

Deissman e Strachan (1910), percebendo isso, categorizaram como epístolas as cartas cujos textos apresentavam certa literariedade e visavam a públicos muito maiores que simples destinatários pessoais. Isso ocorreu com o apóstolo Paulo, intentando comunicar-se com as comunidades eclesíásticas da província romana da Macedônia, pois, para orientá-las, escreveu as famosas epístolas paulinas, tema deste artigo.

A temática da pesquisa é relevante por contribuir com estudos linguísticos contemporâneos de gêneros textuais, ampliando a interpretação do conteúdo escrito na esfera religiosa, uma vez que, para se realizar a leitura, é preciso compreender o contexto de produção, a estrutura composicional e as características estilísticas do gênero.

Em uma perspectiva transdisciplinar, as cartas paulinas são de interesse da historiografia, pois servem de fonte histórica ao remontar a características de uma época. Já para a teologia, a relevância das epístolas deve-se ao fato de lançarem base às doutrinas cristãs. Além disso, os escritos de Paulo apresentam características composicionais que podem ser examinadas à luz dos estudos literários. Há, porém, de se considerar que são raros os estudos linguísticos sobre as epístolas com aplicação de novas teorias do gênero

discursivo. Em vista disso, cabe a seguinte pergunta de pesquisa: como se caracterizam as epístolas paulinas à luz dos estudos de gêneros do discurso?

A partir dessa questão, propõe-se o seguinte objetivo: analisar as epístolas paulinas da Bíblia Sagrada, conforme a teoria de gêneros discursivos, verificando como se comportam essas características em textos antigos.

Numa perspectiva discursiva, este trabalho se baseia, principalmente, em Bakhtin (2004) e Marcuschi (2008), a partir dos quais se revisa, brevemente, a teoria de gêneros discursivos, dialogando com outros autores das áreas de Literatura, História e Teologia.

O artigo está organizado da seguinte forma: inicia com os aspectos teóricos sobre o gênero epístola numa perspectiva transdisciplinar; segue com a contextualização das epístolas paulinas; apresenta os procedimentos metodológicos; e, na sequência, realiza as análises textuais das condições de produção, da estrutura composicional e do estilo das epístolas, encerrando com as considerações finais.

1 Distinções entre carta e epístola

Diferenciar epístola de carta não é uma tarefa fácil. Em se tratando de gêneros que apresentam características semelhantes, são por vezes confundidos, sem que haja, entre os pesquisadores, concordância em suas definições. Oliveira (2006) denomina, de forma genérica, texto epistolar abrangendo três modalidades: a epístola, ou carta, em verso; as cartas em prosa; e o romance por cartas. Para Tavares (1991, *apud* Oliveira, 2006), o gênero epístola compreende texto em prosa e, (mais dificilmente) em verso, que abrange temas diversificados e é de composição expositiva. Coutinho (1987, *apud* Oliveira, 2006) classifica o gênero epistolar como ensaístico. A partir disso, infere-se que essa classificação é de natureza literária, com o propósito de publicação, sendo adequada para este estudo, haja vista que se trata da Bíblia como literatura.

No caso da carta, assume-se que esta é de caráter pessoal, pois, como Oliveira (2006) e Malatian (2007) evidenciam, tem por objetivo estabelecer comunicação (à distância) sobre assuntos pessoais do cotidiano, tais como relações comerciais, solicitações e instruções a conhecidos, troca de informações familiares, conversas entre amigos etc.

Compreende-se que toda carta, antes de se tornar objeto de estudo, é escrita para alguém, sendo pensada na comunicação com outra pessoa, ou com um grupo de outras pessoas. Porém, uma vez fora do contexto original, quando lida por outro que não o destinatário, ela é afastada de seu propósito, deixando a pessoalidade. Assim, concorda-se com a definição de Oliveira (2006, p. 61), de que “carta é esfera íntima, enquanto a epístola é um gênero ‘artificial’”. Artificial porque, tal como os demais textos literários, deixa o propósito comunicativo para se tornar objeto de observação, análise etc.

Dessa forma, diferencia-se carta de epístola com base no contexto: quando o texto é estudado fora do propósito social e comunicativo original, denomina-se epístola, e, quando lido a partir das condições do destinatário, nomeia-se carta. Nessa ótica, é possível afirmar que toda epístola foi um dia uma carta, mas nem toda carta se tornará uma epístola.

2 Perspectiva transdisciplinar dos estudos sobre o gênero epistolar

Por interessar a diferentes áreas de conhecimento, o tema deste artigo é transdisciplinar. A História identifica o contexto de época, contribuindo tanto para a Literatura poder estudar as condições de produção, concepção e estilo do gênero epistolar quanto para a Teologia poder conduzir seus estudos doutrinários. Os pesquisadores de tais áreas são os que redefinem as cartas como epístolas, ao darem ênfase ao estudo científico do gênero sob a perspectiva de cada área. O *Quadro 01* (adiante) realiza uma síntese das abordagens mencionadas.

É possível comparar as perspectivas de cada área do conhecimento sobre a epístola. No caso da História, a epístola pode oferecer evidências sobre o passado. Para a Literatura, ela é um gênero literário que permite o estudo de estilo e de contexto. Na Teologia, as epístolas são fontes de conhecimento dos primórdios do cristianismo, até por serem os documentos cristãos datáveis mais antigos, escritos entre 18 e 30 anos após a morte de Jesus (Bruce, 2003).

Ainda que cada área do conhecimento conceba a epístola de maneira diferente e a valorize por características distintas, é possível identificar similaridades. Percebe-se, por exemplo, que nas três áreas há a importância de um remetente e de um destinatário, para que haja a efetiva comunicação. Sendo assim, para que se interprete o texto, em todas as

perspectivas mencionadas, necessita-se do contexto de produção, fornecendo condições de compreensão das informações.

Áreas de conhecimento	Autor/data	Conceitos de epístola	Características de epístola
História	Malatian, 2009.	<ul style="list-style-type: none"> - Fonte de informações de épocas passadas. - Trata de temáticas cotidianas: notícias familiares, trocas e vendas, conversas entre amigos etc. - Contexto: emissor (ativo); destinatário (passivo). - Conteúdo: quadro analítico, com redes de sociabilidade. - Condições de produção: para quem, quando, onde, como e por quê. - Abordagens: <ul style="list-style-type: none"> a) epístola como fonte histórica, com informações de ordem individual e coletiva na perspectiva do narrador-autor (requer confronto com outros documentos históricos); b) epístola como objeto, com caráter subjetivo (sentimentos, vivências e práticas sociais do eu). 	<ul style="list-style-type: none"> - Atributos sensoriais revelam o contexto de escrita. - Emissores evidenciam diferentes aspectos de sua identidade para destinatários diferentes. - Comparar mais de uma carta do mesmo autor pode resultar em conflitos de identidade.
Literatura	Coutinho, 1987. Oliveira, 2006.	<ul style="list-style-type: none"> - Gênero poético. - Simula diálogo entre conhecidos. - Objetiva manter conversas à distância. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdo variável. - Tipologias: expositiva ou narrativa. - Escrita em verso, ou prosa. - Produção espontânea. - Apresenta marcas de oralidade. - Linguagem formal e informal. - Situada em tempo e espaço determinados. - Revela a circunstância pela qual foi escrita. - Temática: doutrinária, familiar, amorosa, filosófica, moral, política, estética, literária etc. - Implica na existência de autor e destinatário. - Conteúdo público ou confidencial.
Teologia	Alter; Kermode, 1997.	<ul style="list-style-type: none"> - Texto fundamentador de doutrinas e religiões. - Revela informações sobre normas morais e éticas. - Expressa instruções, orientações e súplicas do autor ao(s) destinatário(s). 	<ul style="list-style-type: none"> - Remetente concebido como um enviado de Deus. - Uso de analogias e metáforas. - Estrutura composicional das epístolas bíblicas: <ul style="list-style-type: none"> a) saudações iniciais; b) palavras de ação de graças; c) discussão da situação da igreja; d) orientações quanto à santidade prática; e) conclusão devota.

Quadro 1 - Conceitos e características da epístola numa perspectiva transdisciplinar. Fonte: os autores.

A História e a Teologia, quando aproximadas na leitura da epístola, ressignificam a prática da exegese. Quando falta ao leitor conhecimento histórico sobre o contexto de produção da epístola, a compreensão do texto pode ficar comprometida. Por isso, a Teologia busca, constantemente, o auxílio da História para fundamentar a interpretação dos textos bíblicos.

As condições de produção observadas na epístola pela História são também essenciais para os estudos teológicos, favorecendo a compreensão das mensagens. Além disso, o procedimento tomado pela História envolve a comparação de textos, pois se verificam outras fontes a fim de averiguar se o conteúdo das epístolas é condizente com os fatos relatados nos registros. No caso das epístolas bíblicas, algumas das fontes fazem parte dos textos estudados pela Teologia, como os evangelhos e o livro de Atos.

A Literatura também se relaciona à História no estudo da epístola, já que a área lança bases para a compreensão das tendências literárias de outrora, auxiliando no estudo das condições de produção, concepção e estilo.

3 O gênero carta: condições de produção, características composicionais e estilísticas

Tendo-se diferenciado carta de epístola, com base no propósito social, fica à carta a característica de “gênero íntimo”, isto é, pessoal. A respeito do conceito de gênero textual, Marcuschi (2008, p. 155) apresenta a seguinte definição:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Em outras palavras, gêneros textuais são textos de diferentes estruturas, que assumem objetivos específicos de comunicação na sociedade. Não podem, assim, ser concebidos “independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (Marcuschi, 2008, p. 155). Tal perspectiva se alinha à proposta de Bakhtin (2004) de que a linguagem é um fenômeno de interatividade social, e, portanto, inerente à organização e às relações sociais. Marcuschi (2008, p. 155), citando Bakhtin, afirma:

Para defender essas posições, admitimos, com Bakhtin, que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos) “concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana”.

No caso da carta não é diferente. Em se tratando de uma mensagem manuscrita, ou impressa, que objetiva traçar comunicação entre duas pessoas, Figueiredo (2013) observa que seu surgimento também se deu a partir das necessidades de interação humana. Tendo sido um dos meios comunicativos mais utilizados ao longo da história, compreende-se como um dos gêneros mais significativos para os estudos discursivos, pois, como observa Pessoa (2002, *apud* Costa; Silva; Gomes, 2017, p. 2), por meio da carta, pode-se perceber “as transformações da língua e da sociedade, a função do gênero em diferentes momentos históricos e, ainda, sua relevância na formação de outros gêneros”.

A carta tem, historicamente, desempenhado a função social de aproximar pessoas, uma vez que possibilita a comunicação entre partes ausentes uma da outra. Nessa dinâmica, o propósito comunicativo tem sido diverso, podendo manifestar relações familiares, amorosas, comerciais etc.; além de assumir diferentes formatos, conforme a intenção do emissor, como tratados científicos, relatos históricos, dentre outros – tal como afirma Silva (2018). Essa afirmação corrobora com Costa (2012) quanto ao conteúdo e à forma de as cartas não serem estáticas, sendo o relacionamento entre os interlocutores o que define tais aspectos.

Contemplando relações sociais além do âmbito familiar, a troca de cartas pode ser realizada entre pessoas de diferentes hierarquias (militares, governamentais, acadêmicas etc.), classes sociais, cargos trabalhistas, entre outros; também escritas de um remetente para vários destinatários simultaneamente: prática realizada em governos monárquicos, por exemplo – como os do antigo Egito, lugar onde surgiu um dos primeiros sistemas postais, “em que autoridades relatavam fatos importantes”, como explica Bakos (2010, *apud* Silva, 2018, p. 57).

Com efeito, as práticas de correspondência variaram muito ao longo da história, bem como a importância do gênero carta. Na Grécia Antiga, o uso de correspondências se ampliou entre membros da família, bem como entre filósofos, tornando-se comuns,

como explica Figueiredo (2013, *apud* Silva, 2018). No período do Império Romano, as cartas tiveram grande importância para a Igreja Cristã, que, por meio delas, difundiu sua doutrina.

Na Idade Média, disseminaram-se popularmente no mundo ocidental, tornando-se mais pessoais e íntimas. No Brasil, a importância do gênero é reconhecida, por exemplo, quando Pero Vaz de Caminha escreve ao rei de Portugal, produzindo o primeiro documento histórico e a primeira obra literária sobre o território brasileiro. Estabeleceu-se, efetivamente, no país, um serviço público de correspondências durante o período como Colônia; há, porém, poucas informações a respeito: sabe-se apenas que, em Portugal, tal serviço já existia, tendo sido oficializado em 1520, quando D. Manuel I criou o ofício de Correio-Mor. Somente em 1931 foi criada a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, que existe até hoje.

No que diz respeito à estrutura composicional do gênero, Silva (2018) elenca como elementos imprescindíveis à caracterização: o registro do local em que a carta é escrita, a data, a saudação inicial, o corpo do texto, a despedida e a assinatura.

Os registros de data e local são os elementos mais básicos de uma carta, auxiliando o leitor a identificar quem é o emissor e a se situar, no tempo e no espaço, em relação ao conteúdo escrito. Apesar de tradicionalmente tais informações serem apresentadas na abertura da carta, Silva (2018) observa que, por vezes, um dos elementos – quando não ambos – é deslocado para o final.

A saudação inicial da carta manifesta palavras de cortesia do emissor para o receptor. É o espaço em que se escreve o vocativo, endereçando a carta para determinado leitor. Tais vocativos podem ou não ser acompanhados por pronomes, como “meu”, “minha” e adjetivos de tratamento, como “caro”, “querida”, que expressam relações de intimidade.

No corpo do texto, desenvolve-se o assunto da carta, podendo-se, a partir dele, verificar a temática. É também nesse elemento que o emissor registra o que o motivou a escrever a carta.

A despedida, tal como a saudação inicial, é escrita como demonstração de cordialidade por parte do emissor, servindo também como indicação de encerramento do conteúdo abordado. Após a despedida, o emissor escreve a assinatura, validando sua identidade.

Costa, Silva e Gomes (2017) observam que, apesar de a estrutura da carta se manter tradicionalmente a mesma, em diferentes contextos, há casos em que se nota – seja pela pressa do autor em escrevê-las ou por finalidades específicas – instabilidade retórica, que indica que o emissor ignorou, durante a escrita, elementos da estrutura.

Sendo a carta um gênero sujeito à subjetividade do escritor, ela permite certo grau de liberdade em relação a “transgressões” na estrutura composicional. De maneira semelhante, Marcuschi (2008) comenta que o autor é livre para transitar entre tipologias, podendo apresentar mais de uma em um só texto.

Quanto ao estilo do gênero carta, Durante (2017) e Silva (2018) concordam que, apesar de escrito, tal gênero tem por característica carregar traços de concepção da oralidade. Devido a isso, é comum encontrar no conteúdo manifestações de linguagem coloquial. Como observam os autores, a predominância do tipo de linguagem, entretanto, relaciona-se à temática da carta: em se tratando de questões familiares, por exemplo, percebem-se usos de apelidos e expressões informais que denotam sentimentos pessoais; em se tratando de temas acadêmicos ou governamentais, a linguagem utilizada é mais rebuscada, próxima do formal.

A relação entre emissor e destinatário fica evidenciada pelas diferentes escolhas linguísticas utilizadas na escrita desse gênero. Costa, Silva e Gomes (2017) observam tal fenômeno em cartas trocadas entre pessoas de diferentes tipos de relacionamento. No caso das familiares, escritas no Brasil durante o século XIX e XX, observam-se formas tratamentais que evidenciam caráter íntimo e hierárquico (de acordo com a posição do membro na família). Nas cartas trocadas entre amigos, Costa, Silva e Gomes (2017, p. 7) observam que “quanto mais amigo e íntimo, maior o grau de implicação emocional das expressões” utilizadas. Tais escolhas linguísticas são observadas, sobretudo, nas expressões de abertura e de fechamento das cartas, como observado por Costa, Silva e Gomes (2017, p. 6) ao afirmarem que são “os vocativos e as expressões de despedida, ou a falta deles, sobretudo, que deixam pistas significativas do grau de familiaridade ou afetividade entre os missivistas”.

Nesse sentido, é possível afirmar que provavelmente o apóstolo Paulo utiliza uma linguagem mais informal e afetiva para se aproximar das comunidades para as quais envia suas cartas que se tornarão epístolas da literatura bíblica; e emprega uma linguagem mais formal quando quer ser mais firme, exortando os destinatários para a santidade.

4 Pressupostos metodológicos

A seleção do *corpus* baseia-se na divisão das cartas do Novo Testamento bíblico, feita por Gabel e Wheeler (1993), que as separam nas seguintes categorias: cartas genuínas de Paulo; cartas supostamente escritas por Paulo, mas cuja autenticidade é objeto de disputa; cartas pastorais e cartas católicas ou gerais. As cartas genuínas de Paulo, que constituem o universo de pesquisa deste trabalho, referem-se a: Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Filipenses, I Tessalonicenses e Filemom. Dentre essas, selecionam-se para análise I e II Coríntios. A análise do *corpus* é realizada mediante exame linguístico-discursivo baseado em conceitos de linguística textual.

A escolha deve-se ao fato de serem as únicas redigidas para o mesmo público, possibilitando a comparação dos aspectos contextuais empregados na escrita para o mesmo destinatário ao longo do tempo. O quadro 2 descreve brevemente parte desse contexto.

Carta	Data de escrita	Extensão da carta (capítulos)	Tradução	Local de escrita	Local de destinatário
I Coríntios	56 d.C.	16	Almeida Revista e Corrigida (ARC)	Éfeso	Corinto
II Coríntios	Entre 56 e 57 d.C.*	13		Macedônia	Corinto

*Não há precisão do ano de escrita dessa carta na literatura da área.

Quadro 2 - Aspectos contextuais de I e II Coríntios. Fonte: os autores, baseados em Aguiar e Souza (2013).

Quanto à tradução, a versão escolhida é a Almeida Revista e Corrigida (ARC), concebida originalmente em 1898, que se consagra como uma das mais utilizadas no país e, conforme a Sociedade Bíblica do Brasil, segue o princípio da tradução por equivalência formal: metodologia que busca traduzir o texto original com fidedignidade às suas palavras e estrutura.

A análise do *corpus* se sustenta em três critérios: contexto de produção, estrutura composicional e estilo do gênero e do autor, sendo que, doravante, passa-se a denominar epístolas, dada a distinção feita anteriormente.

5 Análise do corpus

5.1 Contexto de produção

No período em que o apóstolo Paulo escreveu as epístolas aos coríntios, tal prática era um meio pelo qual os líderes judeus mantinham informadas as comunidades judaicas que estavam fora de Israel “acerca do calendário a cada ano, e inovações e decisões *ad hoc* requeriam essa comunicação” (Goulder, 1997, p. 515). Trata-se de prática comum entre os judeus, confirmada em alguns versículos de II Macabeus 1:

1. Aos nossos irmãos judeus que estão no Egito, saudações! Seus irmãos, os judeus residentes em Jerusalém e no país de Judá, desejam-lhes paz venturosa.
7. Sob o reinado de Demétrio, no ano cento e sessenta e nove, nós, judeus, vos escrevemos na tribulação e na aflição em que nos achávamos nessa época, desde o dia em que Jasão e seus partidários abandonaram a terra santa e seu reino.
8. A porta do templo foi incendiada e derramado o sangue inocente. Então, suplicamos ao Senhor e ele nos ouviu. Oferecemos sacrifício e flor de farinha. Acendemos as lâmpadas e expusemos os pães.
9. Celebrai, portanto, agora, a festa da cenopégia no mês de Casleu. No ano cento e oitenta e oito.

Nesses versículos, entende-se que as autoridades judaicas em Jerusalém escrevem aos judeus que estão no Egito com o propósito de compartilhar uma bênção ocorrida há 19 anos, instruindo-os, devido a isso, a celebrar uma nova festa.

A circulação de tais epístolas ocorria por intermédio de mensageiros da comunidade judaica. O evangelista Lucas relata, em Atos 9:1-2, um pedido de Paulo (também chamado Saulo pelos judeus) ao sumo sacerdote para levar cartas a Damasco: “E Saulo (...) dirigiu-se ao sumo sacerdote e pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas (...)”. A passagem permite inferir que Paulo fazia esse papel, e que, conhecendo tal cultura, utilizou-se dessa prática em seu ministério.

A escrita das epístolas paulinas realiza-se durante as viagens evangelísticas de Paulo, cujo início é relatado no livro de Atos 13:2-3: “(...) disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram”.

I Coríntios é escrita na primavera de 56 d.C., enquanto Paulo se encontra na cidade de Éfeso. A sinagoga destinatária localizava-se na cidade de Corinto, região portuária da Grécia Meridional, junto ao Golfo de Corinto. Os versículos 1 e 4 de Atos 18 revelam o período no qual Paulo esteve na cidade: “Depois disto, partiu Paulo de Atenas e chegou a Corinto. (...) E todos os sábados disputava na sinagoga e convencia a judeus e gregos”.

Embora ela seja nomeada como primeira epístola aos coríntios, o autor indica que não foi a primeira epístola enviada àquele povo. Isso é evidenciado no versículo 9 do capítulo 5 de I Coríntios, em que Paulo faz menção a uma carta enviada anteriormente: “*Já por carta vos tenho escrito* que não vos associeis com os que se prostituem” (grifos nossos).

Tendo o apóstolo se tornado conhecido pelos coríntios, deduz-se que eles tenham lhe escrito carta após Paulo se retirar da cidade, e que I Coríntios tenha sido redigida como uma carta-resposta, visto que no capítulo 1:11 se lê: “Porque a respeito de vós, irmãos meus, *me foi comunicado* (...)” (grifos nossos), e no capítulo 7:1: “Ora, quanto às coisas que *me escrevestes* (...)” (grifos nossos), revelando que o propósito da epístola era responder às questões da comunidade que lhe estavam sendo relatadas.

Alguns dos principais temas abordados por Paulo revelam que a igreja de Corinto estava passando por problemas quanto a divisões partidárias, como escrito no primeiro capítulo, nos versículos 11 e 12: “Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloe que há contendas entre vós. Quero dizer, com isso, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo”.

A comunidade tinha se dividido entre aqueles que se diziam “de Paulo”, “de Apolo” (outro líder religioso), “de Cefas” e “de Cristo”. O apóstolo, então, instiga-os, no versículo 1:10, a evitar divergência de opiniões sobre liderança: “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer”. Paulo conclui, no capítulo 3:6-7, que nenhuma devoção deveria ser dada a ele ou a Apolo por seus trabalhos, mas sim a Deus, de quem, de fato, provia o crescimento:

“Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento”.

Durante o tempo em que Paulo esteve na cidade de Éfeso, após a escrita da primeira epístola aos coríntios, uma revolta eclodiu na cidade devido aos seus ensinamentos – como registrado em Atos 19:23: “Naquele mesmo tempo, houve um não pequeno alvoroço acerca do Caminho” –, o que o forçou a partir para a Macedônia, conforme Atos 20:1: “Depois que cessou o alvoroço, Paulo chamou a si os discípulos e, abraçando-os, saiu para a Macedônia”. Acredita-se que, em algum momento durante o tempo em que Paulo esteve na Macedônia, a segunda epístola aos coríntios foi escrita.

Quanto à segunda epístola, redigida entre 56 e 57 d.C., pressupõe-se que tenha havido outras interações do apóstolo com a comunidade, as quais não são registradas no livro de Atos, mas estão registradas em certos trechos da epístola. Em II Coríntios 1:15, por exemplo, Paulo escreve: “E, com essa confiança, quis primeiro ir ter convosco, para que tivésseis uma segunda graça”, permitindo pressupor que esteve uma segunda vez na cidade antes de realmente ir à Macedônia.

Em II Coríntios 7:5-8, Paulo registra sua chegada à Macedônia sucedida pela chegada de novas informações sobre a igreja de Corinto:

Porque, mesmo quando chegamos à Macedônia, a nossa carne não teve repouso algum (...) Mas Deus, que consola os abatidos, nos consolou com a vinda de Tito; e não somente com a sua vinda, mas também pela consolação com que foi consolado de vós, contando-nos as vossas saudades, o vosso choro, o vosso zelo por mim, de maneira que muito me regoziquei. Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a minha carta, não me arrependo, embora já me tivesse arrependido por ver que aquela carta vos contristou, ainda que por pouco tempo; agora, folgo, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para o arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus.

Estando a par das notícias de Corinto, Paulo escreveu a segunda epístola a fim de exortar e instruir o povo acerca das questões que circundavam a comunidade e defender sua autoridade como apóstolo de Jesus Cristo em comparação àqueles que acusa como apóstolos fraudulentos, escrevendo em 10:12: “Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas esses que se medem a si mesmos e se comparam consigo mesmos estão sem entendimento”.

Embora as cartas de Paulo tenham sido redigidas para tratar de temas específicos com os coríntios, a fim de gerenciar a igreja, ao serem submetidas a outros públicos, passando a ser lidas a partir de uma perspectiva literária (distante do contexto de leitura original), tornam-se epístolas. Devido a isso, têm o público expandido, e seu conteúdo se torna aplicável não somente aos destinatários originais, mas a todos os cristãos, em cada lugar do mundo e em épocas distintas, contribuindo para o desenvolvimento de fundamentos e de práticas da fé cristã.

5.2 Estrutura composicional das epístolas

A estrutura das epístolas de Paulo é baseada no padrão de cartas escritas pelos judeus da época. Goulder (1997) observa que o apóstolo toma como base um modelo de estrutura composto por seis principais partes: saudação; ação de graças; prece para o bem-estar dos destinatários; relato da situação; encorajamento/ordem para seguir os votos dos remetentes; e conclusão devota.

Observam-se a seguir os trechos de I e II Coríntios em que Paulo inicia as epístolas com a saudação:

I Co 1:1-3: Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus) e o irmão Sóstenes, à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso: graça e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

II Co 1:1-2: Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que estão em toda a Acaia: graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo.

Notam-se algumas semelhanças entre as saudações em ambas as epístolas, pois as duas iniciam com Paulo se denominando “apóstolo segundo a vontade de Deus”. Por meio de tais declarações, ele estabelece uma imagem de autoridade (necessária especialmente na segunda epístola, uma vez que argumenta contra “falsos” apóstolos).

Nas saudações, Paulo também faz uso de termos de uso frequente, como na expressão utilizada em suas saudações: “graça e paz, da parte de Deus (...)” (I Coríntios 1:3), e “graça a vós e paz, da parte de Deus (...)” (II Coríntios 1:2). Segundo Riofrío,

Quiroca e Bereche (2010), o termo “graça” (*kairós*) era utilizado naquela época pelos gentios (os não judeus) como forma de saudação, enquanto o termo “paz” (*shalom*) era utilizado pelos judeus. Possivelmente, a dinâmica de juntá-los em uma só saudação foi um esforço do apóstolo em apaziguar as diferenças dos dois grupos, firmando uma unidade entre eles.

Portanto, Paulo cria uma tradição de interação única e histórica de saudação cristã, que, pela repetição de manifestações culturais, é usada até hoje em muitos contextos cristãos. Naquela época, essa fórmula textual poderia ser individual e inédita, visto que a fórmula romana era “Saúde”, e Paulo a substituiu por um léxico que testemunha a fé cristã. Logo, cumpre-se o pressuposto de que a historicidade humana se constitui permeada pela linguagem. Após as saudações, observam-se as ações de graça:

I Co 1:9: Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.

II Co 1:3-4: Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus.

Outra expressão formulaica é a ação de graças paulina, de estrutura maior do que a saudação, mas também pertencente à macroestrutura das epístolas. Novamente, ele inaugura um componente de epístola associado à tradição judaica de agradecer, aspecto histórico que se vincula à linguagem.

Junto às saudações e às ações de graça, encontram-se as preces para o bem-estar dos destinatários, como em I Coríntios 1:10: “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer”.

A prece, ou súplica, está relacionada a um pedido do emissor ao destinatário para que possa melhorar uma ação para consigo mesmo ou para com outra pessoa. Trata-se de exortações, ou seja, instruções e conselhos dados para a comunidade dos coríntios em carta pluridirecional que, ao se tornar epístola, passam a ser exortação apostólica paulina; no versículo 10, citado, tem-se uma prece pela unidade da igreja.

No que diz respeito aos relatos de situação, eles correspondem ao corpo da epístola, ou seja, à parte central, visto que são o verdadeiro propósito de Paulo: aplicar,

em cada situação relatada, a forma de agir conforme a nova vida dos cristãos, santificados em Cristo e chamados à santidade. Em I Coríntios, observa-se, a partir do capítulo 2, uma situação já conhecida pelos destinatários – do tempo em que Paulo esteve em Corinto (a partir do ponto de vista dele):

2:1-2: E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado.

3:1: E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo.

No primeiro trecho, Paulo relata sua primeira ida à congregação de Corinto, admitindo ter evitado usar palavras persuasivas, ou que meramente o fizessem parecer sábio, para que, como ele mesmo explica, a fé deles “não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (2:5). No segundo trecho, ele relata ter tido um parecer negativo dos coríntios, e utilizando da analogia de “infantilidade”, diz ter percebido no meio deles “inveja, contendas e dissensões” (3:3), não podendo, por isso, tratar com eles de assuntos que exigiam maior maturidade.

Quanto aos encorajamentos/ordens, também constituintes da macroestrutura das epístolas, podem ser encontrados em diferentes trechos ao longo de I e II Coríntios. Na primeira epístola, observa-se, por exemplo, o caso de um homem que comete adultério com a madrasta, o qual Paulo repreende, deixando uma ordem à igreja:

5:3-5: Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo, seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus.

Nesse caso, Paulo não faz uma mera sugestão, mas utiliza a autoridade apostólica e, em nome de Cristo, ordena que a igreja não tolere esse tipo de comportamento e que exclua o membro.

Por outro lado, o caso do filho adúltero, já abordado em I Coríntios, volta a ser tratado na segunda epístola, capítulo 2, versículos 6 ao 8, para que a comunidade o perdoe:

Basta ao tal esta repreensão feita por muitos. De maneira que, pelo contrário, deveis, antes, perdoar-lhe e consolá-lo, para que o tal não seja, de modo algum, devorado de demasiada tristeza. Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor.

Finalmente, a conclusão devota pertencente à macroestrutura da carta pode ser encontrada ao término das epístolas, representando a despedida na qual Paulo menciona pessoas de conhecimento comum tanto dele como dos destinatários. A estrutura recebe influência romana, porém sempre reconfigurada na cultura judaica e na perspectiva da fé cristã do apóstolo Paulo. Percebe-se isso na exortação que faz aos coríntios nas duas epístolas como encerramento.

Assim, na primeira epístola aos coríntios, Paulo se despede registrando saudações de seus companheiros de campo: “as igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor Áquila e Prisca (...)” (16:19). E registra também a própria saudação, “Saudação da minha própria mão, de Paulo” (16:21), a fim de não deixar aos coríntios dúvidas quanto à autoria da epístola; na época, era prática habitual que se ditassem cartas para um escrevente, talvez por isso Paulo fizesse esse registro. Na conclusão, ele escreve também exortações – “Vigiai, estai firmes na fé, portai-vos varonilmente e fortalecei-vos. Todas as vossas coisas sejam feitas com amor” (16:13-14). Ao final da última sentença, o apóstolo encerra a epístola com a palavra “amém” (16:24), que significa “que assim seja”, sendo termo utilizado até os dias atuais como confirmação da igreja sobre algo que foi dito.

Na conclusão da segunda epístola, todos os elementos da primeira se mantêm, no entanto os cumprimentos são mais gerais: “Todos os santos vos saúdam” (13:12). As exortações também estão presentes: “Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco” (13:11); e a sentença final, também, se encerra com um “amém” (13:13).

Portanto, além do distanciamento temporal entre a sociedade daquela época e a dos leitores atuais, os escritos do tempo bíblico, quer tenham sido concebidos em hebraico, aramaico ou grego, sofreram perdas e mudanças concernentes ao processo de tradução, impactando a leitura. Ainda, apesar de não se encontrarem facilmente informações confiáveis a respeito, sabe-se que, com o passar do tempo, os textos bíblicos deixaram o formato em que se encontravam nos suportes originalmente escritos e

assumiram estruturas de características muito semelhantes, tendo sido divididos por capítulos, subtítulos e versículos numerados, criados para facilitar a tarefa de citar a Bíblia, memorizar textos e localizá-los com mais facilidade.¹

Todas as mudanças pelas quais passaram fizeram com que epístolas, narrativas históricas, poemas etc. passassem a partilhar do mesmo formato, tornando seus gêneros menos identificáveis pelo leitor atual. Entretanto, verifica-se que I e II Coríntios mantêm o gênero reconhecível quando analisada a macroestrutura: saudação, relato de situação (corpo) e conclusão, características que permanecem observáveis em cartas mesmo atualmente.

5.3 Estilo do gênero e do autor

Ao analisar as epístolas, no discurso de Paulo, conforme as próprias atribuições, observam-se certos padrões para seus destinatários e para aqueles que cita. Ao longo de I e II Coríntios, encontram-se três predominantes pessoas do discurso: “eu/nós”, “vós” e “eles”. Segundo Gadini e Furtado (2015), as cartas eram lidas publicamente e, possivelmente, Paulo alterna entre uma linguagem formal e informal com o intuito de se aproximar ou de se distanciar de seu papel social (apóstolo) em relação aos destinatários, o que pode ser observado no decorrer de I e II Coríntios.

A utilização das pessoas do discurso nas epístolas ocorre da seguinte forma:

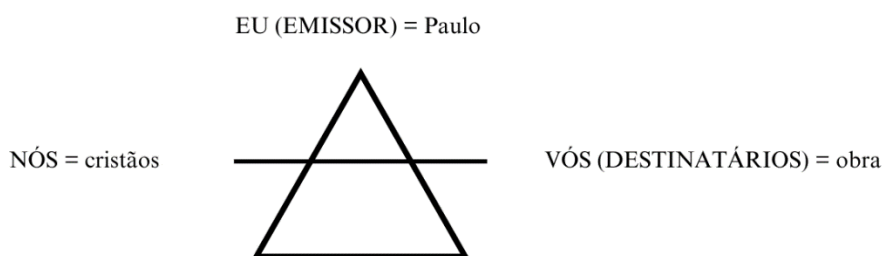


Figura 1 - Pessoas do discurso nas epístolas paulinas aos coríntios. Fonte: os autores.

¹ Em 1227, Stephen Langton, professor da Universidade de Paris e posteriormente arcebispo de Canterbury, dividiu a Bíblia em capítulos. Stephen Langton foi quem publicou a versão da Bíblia em latim, mais conhecida como Vulgata (Geisler; Nix, 2006; Eggers, 2019).

Certos trechos das epístolas permitem observar que quando Paulo se refere a si mesmo, usando o termo “eu”, ele o faz de maneira a associar características e ideias que reafirmam seu papel como apóstolo e líder religioso perante os coríntios:

I Cor. 2:1: E *eu*, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria.

I Cor. 3:10: Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus *eu*, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele.

I Cor. 11:1: Sede meus imitadores, como também *eu*, de Cristo.

II Cor. 11:22: São hebreus? Também *eu*. São israelitas? Também *eu*. São descendência de Abraão? Também *eu* (grifos nossos).

A partir desses textos, é possível notar que Paulo se coloca como “testemunho de Deus”, “sábio arquiteto”, aquele que imita Deus e que os coríntios podem imitar. Em outras palavras, ao empregar o termo “eu”, como emissor da epístola, Paulo assume o papel de apóstolo, reafirmando o propósito pelo qual foi chamado por Deus, sendo mais firme em suas exortações, diferenciando-se dos destinatários.

Porém, quando utiliza o pronome “eu” em II Coríntios 11:22, o apóstolo se aproxima dos destinatários, demonstrando que fazia parte daquela comunidade, caso eles fossem utilizar como critério o lugar em que nasceram para não escutar a mensagem.

Quanto ao termo “nós”, é possível observá-lo empregado nos seguintes trechos:

I Cor. 12:13: Pois, em um só Espírito, todos *nós* fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos *nós* foi dado beber de um só Espírito.

II Cor. 5:18: Ora, tudo provém de Deus, que *nos* reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e *nos* deu o ministério da reconciliação (grifos nossos).

Sobre os termos destacados, Paulo os utiliza quando se inclui como cristão, obra de Deus e resultado de uma ação de Jesus Cristo, junto ao povo de Corinto, colocando-se como igual a eles. Ele faz uso da primeira pessoa do plural com o intuito de se aproximar da comunidade.

Entretanto, ao exortar seus interlocutores, Paulo se distancia do grupo, com o uso da segunda pessoa do plural: “vós”, termo que aparece nos seguintes trechos:

I Cor. 9:1: Não sou eu apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo, Senhor nosso? Não sois *vos* a minha obra no Senhor?

II Cor. 2:4: Porque, em muita tribulação e angústia do coração, *vos* escrevi, com muitas lágrimas, não para que *vos* entristecêsseis, mas para que conhecêsseis o amor que abundantemente *vos* tenho (grifos nossos).

Nesses versículos, é possível notar que Paulo utiliza a pessoa do discurso “vós” como forma de demonstrar que os coríntios são obra/resultado do ministério de Paulo, por meio da ação de Deus na vida dele. Sendo assim, quando o apóstolo exorta aquela comunidade, suas palavras demonstram que ele tem responsabilidade sobre a vida deles frente a Deus, e isso faz com que ele cuide daquelas pessoas.

Para se referir às pessoas fora do círculo da comunidade, isto é, aos gentios (não cristãos, cristãos excluídos da comunidade ou que se conduziam de maneira considerada indevida) e, ao longo dos séculos, aos povos de épocas distantes, o apóstolo utiliza a terceira pessoa do plural: “eles”, como em 1 Coríntios 10:5-6:

Mas Deus não se agradou da maior parte deles, pelo que foram prostrados no deserto. E essas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como *eles* cobiçaram (grifos dos autores).

Nesse caso, o termo “eles” faz referência ao povo hebreu, que saiu da escravidão do Egito e escolheu se afastar de Deus durante a passagem pelo deserto. Portanto, Paulo exorta os coríntios para que não ajam da mesma forma.

Nota-se que, na maior parte das vezes, Paulo emprega “eles” ao fazer comparações (consigo mesmo ou com os coríntios), por exemplo, em I Coríntios 9:24-25:

Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. E todo aquele que luta de tudo se abstém; *eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível* (grifos nossos).

No trecho acima, Paulo faz uma comparação a partir de um exemplo familiar aos interlocutores. Por meio dessa figura de linguagem, remete aos Jogos Ístmicos, realizados no Istmo de Corinto, para exemplificar a intensidade com a qual ele desejava que os coríntios se comprometessem com as atividades cristãs, encorajando-os a se espelharem no esforço daqueles atletas.

É possível verificar que, ao utilizar as pessoas do discurso, Paulo se distancia ou se aproxima de seus remetentes, a fim de expressar ideias e instruir a comunidade de Corinto.

Paralelamente à alternância de pessoas do discurso, há o uso de perguntas retóricas. De acordo com o dicionário *Michaelis online* (2023), pergunta retórica é “aquela que é feita não com o intuito de obter uma resposta, mas de conseguir um efeito retórico determinado”. Ou seja, utilizando esse recurso linguístico, Paulo não pretende receber uma resposta – como exemplificado em trechos mencionados (I Cor. 9:1; II Cor. 11:22), já que, para ele e para os coríntios, tratava-se de informações de conhecimento compartilhado entre eles –, mas sim desencadear reflexões, mediante as quais reavaliariam seu proceder ao serem lembrados.

Pelo fato de estar continuamente em suas viagens missionárias, Paulo enviava as epístolas aos coríntios geralmente com o intuito de que elas fossem lidas em voz alta durante os momentos de reuniões religiosas. Além disso, o propósito era que essas cartas fossem repassadas para outras regiões, além daquela à qual foram enviadas (Miller; Huber, 2006).

Quanto ao uso das metáforas, uma das escolhas estilísticas de Paulo na produção de suas cartas é adotar o tom paternal, que pode ser verificado, por exemplo, em I Coríntios 4:14-15:

Não escrevo essas coisas para vos envergonhar; mas admoesto-vos como *meus filhos amados*. Porque, ainda que tivésseis dez mil aios em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; porque eu, pelo evangelho, vos gerei em Jesus Cristo (grifos nossos).

A linguagem metafórica do apóstolo demonstra o desejo de cuidar dos coríntios, permitindo, dessa maneira, transparecer uma característica de afetividade. Isso se alinha novamente ao seu papel social, que, como tutor, requeria que ele tivesse relação com seus submissos tal qual Jesus teve com seus fiéis: de “pastor”, em relação às “ovelhas”. Embora utilizasse esse tom amoroso, alternava-o com o tom firme da advertência em situações de comportamentos incoerentes com os dogmas cristãos, como no caso do jovem adúltero expresso em I Coríntios 5: 1-5:

Geralmente, se ouve que há entre vós fornicação (...) como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais inchados e nem ao menos vos entristecestes, por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação. Eu (...) *já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou*, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, [...] *seja entregue a Satanás para destruição da carne*, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus (grifos nossos).

Essa alternância de linguagem estabelece a imagem social de Paulo como alguém sério, mas também acessível. Sério por mostrar comprometimento com as doutrinas cristãs ao agir de maneira rígida em casos de pecado, e acessível por expressar proximidade com os coríntios pelo uso de termos afetivos.

Pode-se observar, também, que, nas epístolas, há uma alternância do nível de formalidade da linguagem utilizada pelo apóstolo Paulo. Ora ele emprega um tom mais afetivo, com elementos de linguagem informal, para se aproximar da comunidade; ora um tom mais firme, com linguagem formal, distanciando-se, para manter a autoridade.

Nota-se que, assim como Paulo, o Papa usa de seu papel social, que se assemelha ao do apóstolo na época em que escreveu aos coríntios, para, como autoridade religiosa, emitir cartas a fim de orientar e manter unidos grupos de fiéis em diferentes culturas pelo mundo. Para fins de comparação, verifica-se na carta lida no discurso ao Conselho Ecumênico da Eslováquia, em 2021, que o Papa também atribui qualidades a si mesmo com o uso da primeira pessoa do plural, assumindo-se como peregrino em país estrangeiro e agradecendo a seus destinatários por o receberem. De forma semelhante ao discurso de Paulo, dirige-se aos destinatários a fim de estabelecer instruções: “Um traço distintivo dos povos eslavos, que cabe a vós unidos conservar, é a dimensão contemplativa (...)”, “Ajudai-vos mutuamente a cultivar esta tradição espiritual (...)” (Vatican News, 2021).

Além disso, como mencionado nesta seção, tal como as cartas de Paulo eram escritas para serem lidas frente à comunidade, para que a informação fosse compartilhada às igrejas das circunvizinhanças, verifica-se que o Papa, de maneira semelhante, lê sua carta publicamente, sendo ela posteriormente compartilhada na internet para que todos os fiéis possam ter acesso.

Conclui-se, pois, que a alternância do nível de formalidade da linguagem, o emprego das diferentes pessoas do discurso e o uso das figuras de linguagem dependem do propósito e do papel social do emissor, e que tais fatores podem ser verificados em cartas atuais do Papa, que, tal como Paulo, as usa para gerenciar a igreja.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo principal analisar duas epístolas paulinas da Bíblia Sagrada, conforme a teoria de gêneros discursivos contemporâneos. E, para cumprí-lo, foi realizada, inicialmente, a distinção entre o gênero carta e epístola, seguida de uma revisão de conceitos de epístola numa perspectiva transdisciplinar. Depois disso, foram selecionadas as epístolas genuinamente paulinas e que tivessem dois envios para a mesma comunidade. Sendo assim, foram escolhidas as epístolas enviadas aos coríntios como *corpus* deste trabalho.

Nas primeira e segunda epístolas, é possível notar que as cartas, quando se tornam epístolas, literatura, têm o leitor ampliado e o sentido renovado, criando novos significados para os leitores conforme o passar do tempo.

Além disso, uma nova organização, a partir de capítulos, versículos e subtítulos, fez com que esses textos tivessem a estrutura similar à de outros livros da Bíblia, para facilitar ao leitor a localização e interpretação dos textos. Porém, mesmo com essas modificações, o gênero prevalece sobre elas, pois é possível identificá-lo pela macroestrutura composicional.

Outras características pertencentes ao gênero epístola podem ser verificadas, como a alternância entre a linguagem formal e informal que Paulo utiliza, dependendo de seu papel social, da parte da epístola e do propósito comunicativo. A utilização das pessoas do discurso “eu/nós”, “vós” e “eles” varia conforme Paulo assume o papel de apóstolo de Deus (eu), igreja de Cristo (nós), obra (vós) e gentios ou cristãos que se desviaram (eles).

Pode-se concluir que o conhecimento do contexto histórico, da estrutura da epístola e dos estilos do gênero e do autor podem influenciar a interpretação das epístolas paulinas, ou seja, quando um leitor no século XXI realiza a leitura, considerando a teoria de gêneros textuais, a compreensão e aplicação do texto no dia a dia podem ser realizadas com melhor entendimento.

Por fim, vale ressaltar a importância de estudos linguísticos e literários serem aplicados à Bíblia Sagrada, contribuindo para estabelecer interfaces com a Teologia.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Adenilton Tavares; SOUZA, José Luiz Florêncio. Duas, três ou quatro: quantas cartas Paulo escreveu aos Coríntios?. *Práxis Teológica*, v. 9, n. 1, p. 113-124. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/praxis/article/view/639>. Acesso em 5 dez. 2013.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BÍBLIA Sagrada. *Almeida Revista e Corrigida*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BÍBLIA Sagrada. *Ave Maria*. Traduzida dos originais hebraico, grego e aramaico pelos monges beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave Maria, 1959.
- BRUCE, Frederick Fyvie. *Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.
- COSTA, Alessandra Castilho de. Ação, formulação, tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice (orgs.). *História do português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012.
- COSTA, Elizabeth Christina Cavalcante da; SILVA, Cláudia Roberta Tavares; GOMES, Valentina Severina. *Marcas de oralidade na carta pessoal: apontando traços de tradição no discurso*. IV Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais. SiN@LCGE. Pernambuco: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/sinalge/2017/TRABALHO_EV066_M_D1_SA13_ID1280_15032017102855.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.
- DEISSMANN, Gustav Adolf.; STRACHAN, Lionel Richard Mortimer. *Light from the Ancient East: the New Testament Illustrated by Recently Discovered Texts of the Graeco-Roman World*. Londres: Hodder & Stoughton, 1910. p. 220-221.
- DURANTE, Denise. Oralidade e escrita: o modelo teórico das linguagens da imediatez e da distância comunicativas, de Koch e Oesterreicher. *Revista Philologus*, ano 23, nº 67. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/celte/article/view/1454>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- EGGERS, Quéfren de Moura. *Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica: um comentário sobre o projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida na versão brasileira Revista e Atualizada*. 2019. 210 p. Tese (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.
- FIGUEIREDO, João Paulo Barbosa de. *O gênero do discurso carta como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de Língua Portuguesa*. 2013. 112 p. Dissertação

(Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

GABEL, John Butler; WHEELER, Charles Bradford. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993.

GADINI, Luiz; FURTADO, Kevin Willian Kossar. Cartas cristãs como mídia comunitária: o que Paulo de Tarso pode ensinar sobre comunicação popular?. *Revista FAMECOS*. [S. l.], v. 22, n. 4, p. 1-18 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20241>. Acesso em: 10 jul. 2023.

GEISLER, Norman Leo; NIX, William. *Introdução Bíblica: como a bíblia chegou até nós*. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOULDER, Michel. As epístolas paulinas. In: ALTER, R.; KERMODE, F. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997. p. 515-539.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 5. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELHORAMENTOS. *Michaelis*, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 18 jul. 2023.

MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. *A bíblia e sua história*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

OLIVEIRA, Davi. Cartas na Bíblia: uma análise do gênero textual. *Acta Científica - Ciências Humanas*. v. 2, n.11, p. 57-64, 2006. Disponível em: <https://circle.adventistlearningcommunity.com/files/unaspess/actacientifica2006025707.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

RIOFRÍO, Juan Victor; QUIROCA, Adrian H; BERECHÉ, Santiago. *Novo Testamento II*. Campinas: Stnb, 2010.

SILVA, Aldeir Gomes da. *Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX*. 2018, 145 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2018.

VATICAN NEWS. *Íntegra do discurso do Papa ao Conselho Ecumênico da Eslováquia*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/integra-discurso-papa-conselho-ecumenico-bratislava-eslovaquia.html>. Acesso em: 05 ago. 2023.

Recebido em 08/09/2023

Aprovado em 15/11/2023

Bakhtiniana, São Paulo, 19 (1): e63539p, jan./março 2024

Declaração de contribuição de autor

Abner Eslava da Silva participou da concepção do projeto e da análise e interpretação dos dados; realizou a redação do artigo e a revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Foi responsável pela revisão geral do texto. Atuou também como tradutor do trabalho para a Língua Inglesa. Caroline Kretzmann delimitou e orientou a concepção do projeto que subsidiou o desenvolvimento do trabalho; participou ativamente da construção teórica e da análise dos dados; foi responsável pela revisão geral do texto e aprovação final da versão a ser publicada. Rosane de Mello Santo Nicola delimitou e orientou a concepção do projeto; fez a revisão crítica do conteúdo intelectual, contribuindo, de forma geral e pontual, com a melhoria de aspectos teóricos, metodológicos e analíticos, sobretudo para uma significativa sustentação teórico-metodológica e aprovação final da versão a ser publicada. Willian Freitas Rodrigues participou da concepção do projeto e da análise e interpretação dos dados; realizou a redação do artigo e a revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Foi responsável pela revisão geral do texto, bem como de sua adequação às normas da revista.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

Um texto bem elaborado, com foco temático, que apresenta uma oportuna contextualização do objeto (cartas paulinas), e com clareza informativa. Tais características possibilitam uma rápida e fácil leitura, pois a autoria praticamente não deixa lacuna ou vazio explicativo ao longo da abordagem. Desta forma, ao agradecer pela oportunidade de ler o presente texto, sugiro publicação do referido texto, indicando que a referida autoria, apenas, realize rápida revisão, se possível substituindo alguns exageros pronominais (desse, esse, sua, seu) por artigo, que pode deixar o texto mais leve ao leitor. É a sugestão. No mais, de acordo. Apenas a repetição da sugestão que já consta no parecer para apreciação (livre e democrática) por parte da autoria. APROVADO

Sérgio Luiz Gadini – Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Ponta Grossa, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-1537-1387>; sergiogadini@yahoo.com.br

Parecer emitido em 28 de setembro de 2023.

Parecer II

O artigo em tela apresenta instigante questão de investigação: "as epístolas paulinas à luz dos estudos de gêneros do discurso". Um aspecto que merece destaque consiste na

Bakhtiniana, São Paulo, 19 (1): e63539p, jan./março 2024

aproximação de uma abordagem diacrônica do gênero, atribuindo ao artigo um caráter inovador. O texto é bem escrito, apresenta boa organização do desenvolvimento das análises em três grandes blocos - contexto de produção, estrutura composicional e estilo das epístolas e do autor - com citações de trechos das epístolas, que subsidiam argumentos pertinentes aos princípios teóricos. Como sugestão, mas sem comprometimento do artigo, sugiro rever a necessidade de manter o segundo parágrafo da Conclusão. Sugiro ainda, a título de contribuição, a leitura do item “Os gêneros textuais epístola e relato histórico no Novo Testamento”, Benedito Bezerra, no livro “A palavra de Deus na palavra humana” (Editora Pá de Palavra, 2019) e do capítulo “Cartas e a base social de gêneros diferenciados”, de Charles Bazerman, 2020 - <https://www.pipacomunica.com.br/livrariadapipa/produto/generos-textuais-tipificacao-e-interacao-serie-charles-bazerman/> APROVADO

Angela Paiva Dionísio – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-7292-9527>; angelapaiva27@gmail.com

Parecer emitido em 13 de outubro de 2023.